

COM QUANTOS PAUS SE FAZ UMA CANOA? ESTRATÉGIAS DE INTERPRETAÇÃO DE UNIDADES FRASEOLÓGICAS: PORTUGUÊS – LÍNGUA DE SINAIS

Andréa Michiles Lemos *

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Rosemeire Selma Monteiro-Plantin **

Universidade Federal do Ceará

Resumo

Neste trabalho, apresentamos parte de uma investigação acerca das estratégias de interpretação adotadas pelos tradutores-intérpretes de Libras nas interpretações de unidades fraseológicas (UF's) do Português para Libras nos discursos de políticos da Assembleia Legislativa do Ceará. Para tanto, nós analisamos vídeos com interpretações em Libras de Sessões Plenárias da Assembleia Legislativa. Nosso estudo se insere no rol das pesquisas descritivas. Utilizamos para registro e análise do *corpus* o *software* ELAN (*Eudico Linguistic Annotador*). Participaram desse estudo seis tradutores-intérpretes de Libras. A análise do *corpus* da pesquisa aponta para o uso, preferencial, de duas estratégias de interpretação das estratégias por nós encontradas e classificadas. As duas estratégias que mais apareceram foram: *paráfrase* e *omissão*. Concluimos que há a necessidade de aprofundarmos os estudos relativos ao uso de estratégias para a tradução de UF's e pensamos que uma forma de contribuirmos com os tradutores-intérpretes nesse processo seria na criação de dicionários no sentido de correlacionar UF's do português e da Libras.

Introdução

Os estudos fraseológicos, durante anos, ficaram à margem dos estudos linguísticos e somente recentemente esses estudos têm despertado maiores interesses de pesquisa. Para Gurillo (1997), a Fraseologia foi durante muito tempo, 'terra de ninguém', na qual pesquisadores de várias escolas, movidos pelo o interesse de estudar as 'combinações fixas de palavras' de uma língua, transitaram.

Aportados nas definições de alguns autores, Gurillo (1997), Zuluaga (1980), Corpas Pastor (1996) e Tagnin (2005), entendemos por unidades fraseológicas (UF's), objeto de estudo da Fraseologia, as unidades léxicas formadas por duas ou mais palavras, que apresentam algum grau de fixação e algum grau de idiomaticidade. Na constituição de uma UF, o significado individual das palavras se perde parcial ou totalmente, as palavras deixam de significar individualmente e passam a constituir uma unidade "indestrutível" de significados, na qual a coesão é absoluta, não sendo possível a decomposição dessas UF's em partes e nem a permuta de seus elementos por sinônimos.

* Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará e professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN.

** Dra. em Psicolinguística (UFSC), professora pesquisadora vinculada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará. Vice Presidente da Associação Brasileira de Fraseologia.

As UF's são identificadas por um conjunto de características, apresentamos aqui algumas das citadas por Corpas Pastor (1996) e Zuluaga (1980):

- ☞ A fixação (inalterabilidade da ordem de seus elementos, invariabilidade de alguma categoria gramatical, insubstituíbilidade de seus elementos, impossibilidade de introduzir ou omitir novos elementos);
- ☞ Especialização semântica – a idiomática;
- ☞ A frequência de uso – a institucionalização;
- ☞ A gradação.

Esses elementos da língua sempre foram estudados pelos pesquisadores e linguistas e receberam diferentes nomenclaturas, tais como: *expressões formuláicas, idiomatismos, lexias complexas, expressões pluriverbais, expressões cristalizadas, expressões fixas*, entre outras. No entanto, para o nosso estudo, nós adotamos o termo unidade fraseológica, pois consideramos ser a terminologia mais ampla e que abrange melhor a todos esses fenômenos.

Nas línguas de sinais, os estudos fraseológicos ainda são muito incipientes, existem poucas pesquisas que investigam essa questão nessas línguas e mesmo as pesquisas existentes não trabalham exclusivamente as UFs em língua de sinais. Necessitamos de mais estudos para afirmar de que maneira as UFs se realizam nessa língua; tendo em vista que as línguas de sinais têm uma modalidade de realização visual e espacial, entendemos que a realização das UFs possa acontecer de maneira diferenciada. O que nos leva a refletir sobre quais implicações essa realização diferenciada da língua traria para o processo tradutório em língua de sinais, uma vez que na atividade de interpretação/tradução os processos de identificação, compreensão e passagem de uma língua a outra, como diria Jorge (2002, p. 119):

[...] não correspondem a mecanismos lineares e implicam uma reflexão profunda sobre o acto de tradução da fraseologia, na medida em que estas estruturas não obedecem, aparentemente, a critérios objectivos de selecção e implicam uma multiplicidade de saberes linguísticos e extralinguísticos e de escolhas por parte do tradutor.

Com esse trabalho, temos o objetivo de apresentar as estratégias de interpretação adotadas pelos tradutores-intérpretes¹ de línguas de sinais e língua portuguesa (doravante TILSP) nas interpretações de unidades fraseológicas (UF's) do Português para Libras nas janelinhas de Libras das Sessões Plenárias da TV Assembleia do Ceará². Para isso, tentaremos responder as

¹ Denominaremos os intérpretes de Libras de **tradutores-intérpretes** porque esses profissionais sempre transitam entre a tradução e a interpretação em língua de sinais. Ao contrário dos intérpretes e dos tradutores de línguas orais que, geralmente, têm o seu papel e atividade profissionais bem definidos.

² A TV Assembleia do Ceará, adota a janela de Libras nas transmissões de alguns de seus programas desde o ano de 2007.

seguintes questões: Como o intérprete de Libras faz para interpretar UF's da língua portuguesa para a Libras? Quais estratégias de interpretação são utilizadas pelos intérpretes de língua de sinais na interpretação de UF's da língua portuguesa para a Libras?

Método

Como *corpus* para a investigação, utilizamos as gravações de sessões plenárias da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, entre o período de fevereiro de 2008 a dezembro de 2010. O critério de seleção das sessões gravadas para a composição do *corpus* foi escolher duas sessões plenárias de cada TILSP. Participaram como sujeitos, seis profissionais tradutores-intérpretes de Libras, ligados à Associação dos Profissionais Tradutores e Intérpretes de Libras do Ceará (Apilce). Em um primeiro momento, assistimos aos vídeos gravados e fizemos uma seleção das falas de parlamentares em que mais se evidenciavam o uso de unidades fraseológicas, buscando sempre identificar que tipos de UF's apareciam - nesse momento a língua em foco era a língua portuguesa -, fizemos uma transcrição dos trechos em que essas expressões apareciam. Em seguida, assistimos aos vídeos para fazer a marcação da interpretação do TILSP, para essa marcação utilizamos as chamadas glosas³ - nesse momento a língua em foco era a língua de sinais. Posteriormente, assistimos novamente aos vídeos, agora com o objetivo de fazer o levantamento e o registro das estratégias de interpretação utilizadas pelos TILSP, observando o processo de tradução entre a língua portuguesa e a Libras. Para realizarmos os procedimentos acima utilizamos um *software* chamado ELAN (*Eudico Linguistic Annotador*), desenvolvido na Holanda pelo Instituto de Psicolinguística Max Planck. Nas palavras de Quadros e Pizzio, o ELAN:

é uma ferramenta de anotação que permite que você possa criar, editar, visualizar e procurar anotações através de dados de vídeo e áudio. Foi desenvolvido [...] com o objetivo de produzir uma base tecnológica para a anotação e a exploração de gravações multimídia. ELAN foi projetado especificamente para a análise de línguas, da língua de sinais e de gestos, mas pode ser usado por todos que trabalham com *corpora* de mídias, isto é, com dados de vídeo e/ou áudio, para finalidades de anotação, de análise e de documentação destes (QUADROS E PIZZIO, 2009, P.22).

O ELAN é um *software* livre e pode ser baixado na internet, o que nos permitiu acessá-lo facilmente. Este programa favorece a anotação de vídeos porque nos permite em uma mesma tela ouvir e visualizar o vídeo, além de dispor de linhas (as chamadas trilhas) para a anotação do pesquisador.

³ Utilizamos o sistema de transcrição utilizado por Tânia Felipe, 1997.

Apresentação e discussão dos dados

No *corpus* analisado encontramos e classificamos expressões que seguindo a terminologia de Tagnin (2005) são: colocações, citações, expressões idiomáticas (EI) e binômio. Abaixo organizamos em uma tabela uma pequena amostra das expressões que encontramos:

Quadro das Unidades Fraseológicas

Transcrição do Português (discurso do político)	Glosa em Libras da interpretação	Estratégias de Interpretação
Expressões idiomáticas:		
transformar (...) Rio Grande do Norte numa TÁBUA DE PIRULITO de tanta perfuração	PARECE LÁ NATAL <localiza tabua> CL: G FURAR+ <exp.f..int.>	Paráfrase descritiva
Colocações:		
hoje certamente é DIA DE LUTO para [...]	HOJE É NÓS-todos TRISTE(md)(me) L-U-T-O IGUAL PRETO NÓS LEMBRAR	Explicitação + datilologia + paráfrase explicativa
COMANDO DE GREVE fez algumas apresentações	Φ <omissão> FAZER APRESENTAÇÃO	Apagamento
Citações:		
MEU DEUS MEU DEUS PORQUE ME ABANDONASTES?	ORAR DEUS PORQUE ME-ABANDONAR<..?..>	Equivalência
Binômio:		
TRANSITAMOS E ANDAMOS	PESSOA CL: G IR-VIR <pausa> PESSOA CL: V _{Kd} ANDAR _{ke}	Paráfrase descritiva

Quadro elaborado por Lemos, 2012.

A partir dos dados encontrados, buscamos fazer uma análise para identificar a(s) estratégia(s) que os TILSP utilizaram para interpretar a informação dada. Nesse processo, encontramos e classificamos seis estratégias principais, assim denominadas: simplificação, explicitação, tradução literal, paráfrase (explicativa e descritiva), equivalência, apagamento ou omissão. Fundamentamos e encontramos essas estratégias de tradução/interpretação em Barbosa (2004), Xatara, Riva e Rios (2001), Novais (2002) e Hortêncio (2005). Encontramos, além dessas, outra estratégia de interpretação das UFs, mas não a classificamos dentro do grupo das estratégias principais, pois o seu uso sempre apareceu de maneira secundária, ou seja, sempre associada ao uso de outra estratégia. Classificamos essa estratégia como *uso de datilologia*: é a estratégia em que o TILSP fez uso do alfabeto manual, ou alfabeto datilológico para soletrar algum nome que não tenha sinal, ou para “traduzir” algum termo cujo sinal era desconhecido. Tivemos em nosso *corpus* – não como estratégia de interpretação das UFs, mas como apoio às estratégias principais utilizadas nas interpretações dessas expressões –, a utilização da estratégia *uso de pergunta retórica*, apresentada na classificação de Hortêncio (2005). Por essa estratégia consideramos as vezes em que o tradutor-intérprete “faz uma pergunta” ao seu interlocutor para, geralmente, em seguida interpretar o que foi dito, essa estratégia veio em

acompanhamento a outras estratégias de interpretação – que foram efetivamente as estratégias de interpretação das UFs –; a estratégia do *uso de pergunta retórica* funcionou, em algumas situações, como uma “introdução” à interpretação da unidade fraseológica. Entendemos que as estratégias *uso de datilologia* e *uso de pergunta retórica* funcionaram nas situações de interpretações, das unidades fraseológicas, como estratégias de apoio ou *satélites*, ou seja, são estratégias que estão sempre “em torno”, à disposição de uma interpretação, para que o tradutor-intérprete possa utilizá-las quando necessário.

Fazemos, a seguir, a análise de algumas das UF's apresentadas na tabela acima. No exemplo abaixo temos o uso da expressão idiomática “TÁBUA DE PIRULITO”, fazendo referência a perfurações de petróleo em determinado estado. Observamos, ao assistir aos vídeos, que o tradutor-intérprete ao fazer a interpretação dessa expressão se utilizou da estratégia que chamamos de *paráfrase descritiva*. Nessa estratégia, os TILSP devem buscar, na própria língua de sinais, os recursos disponíveis para ajudar na interpretação entre as duas línguas. Vejamos:

Deputado: transformar [...] Rio Grande do Norte numa TÁBUA DE PIRULITO de tanta perfuração

TILSP: PARECE LÁ NATAL <localiza tabua> CL: G FURAR+ <exp.f..int..>

O intérprete fez uso do espaço de sinalização e de classificadores, localizou a “TÁBUA” no espaço à frente de seu corpo e, mantendo esse ponto de referência, utilizou um classificador de objeto perfurador para simular furos na tábua que estava localizada à frente do seu corpo. Simultaneamente a isso, ele utilizou-se de um movimento e de uma expressão facial de intensidade para ratificar que são muitos furos, caracterizando assim, a “tábua de pirulito”. Utilizando essa estratégia, o TILSP buscou na língua de sinais, através de recursos visuais e espaciais da língua, aproximar o significado entre as expressões nas duas línguas. Como defende Bassnett (2005), no processo de tradução de expressões idiomáticas devemos “substituir” a expressão idiomática (EI) da língua fonte por outra EI na língua meta. Embora nós saibamos que esse não é um processo simples, e nem linear – toda tradução/interpretação é uma ressignificação de conteúdos, tendo em vista que o tradutor/intérprete não é uma “peça” neutra nesse processo, não é apenas um repassador –, podemos concluir que os tradutores/intérpretes, ao fazerem uma tradução, tentam “aproximar” a língua-alvo da língua-fonte.

No exemplo abaixo, temos uma situação de interpretação na qual o tradutor-intérprete utiliza três estratégias de interpretação: a *explicitação*, a *datilologia* e a *paráfrase explicativa*.

Deputado: hoje certamente é DIA DE LUTO para [...]

TILSP: HOJE É NÓS-todos TRISTE(md)(me) L-U-T-O IGUAL PRETO NÓS LEMBRAR

Para a interpretação de “DIA DE LUTO”, percebemos na sinalização do TILSP três momentos distintos, cada um deles marcado por uma estratégia de interpretação: 1º) ele diz que todos estão tristes – informação não dada pelo deputado que realiza o discurso, ou seja, o TILSP acrescentou essa informação ao texto, utilizando-se da explicitação; 2º) o tradutor-intérprete utiliza o alfabeto manual para escrever a palavra L-U-T-O – estratégia considerada por nós e classificada como uso de datilologia; 3º) o TILSP faz uso da paráfrase explicativa para dar uma “explicação” do que seria um dia de luto – para isso ele faz o sinal “IGUAL” e logo em seguida explica a expressão, fazendo referência à roupa preta que usamos em sinal de respeito ao momento de tristeza.

No exemplo abaixo, vemos o apagamento cometido pelo TILSP na colocação “COMANDO DE GREVE”:

Deputado: COMANDO DE GREVE fez algumas apresentações

TILSP: Φ <omissão> FAZER APRESENTAÇÃO

Entendemos que ao realizar o apagamento ou a omissão de alguma sentença ou alguma parte do discurso, o profissional tradutor-intérprete acredite que está tirando do texto informações que não são relevantes ou que são repetitivas. Alguns TILSP defendem que utilizar a estratégia da omissão em alguns momentos é importante para uma melhor organização do discurso, um dos sujeitos de pesquisa afirma: “eu também uso uma estratégia de subtração, quando eu acho que é necessária.” (TILSP). Isso porque para esse sujeito, em nossas falas “nós, ouvintes, temos o hábito de enxertar, enxertamos palavras ou expressões que não têm significado nenhum.” (TILSP). Pela fala desse tradutor-intérprete, a utilização da estratégia da omissão parece ser uma decisão consciente, parece ser uma necessidade a partir de algum ponto motivador, seja por achar que a informação não é relevante, seja por uma questão de economia de tempo, seja por não saber como fazer a interpretação. Por outro lado, há profissionais que acreditam que a estratégia da omissão deva ser pouco utilizada e faz um esforço para não utilizá-la, como podemos verificar na fala desse TILSP: “eu muito preocupado [...] em não omitir nada, porque um recurso que eu utilizo pouco é a omissão”. Ao contrário de outros TILSP, este profissional parece não acreditar na estratégia da omissão, ele não a concebe como uma estratégia eficaz; ao contrário, para esse profissional a estratégia que se apresenta com mais eficiência seria a estratégia da explicitação (que ele denomina de extensão) ou a estratégia da paráfrase que ele concebe como sendo a mesma estratégia de explicitação. Vejamos o que diz esse mesmo sujeito: “eu uso mais a extensão [...] que é isso? É pegar um termo, talvez um termo que tá sendo dito naquele local, e aí, inferindo que, talvez,

não tivesse uma informação sobre aquilo, eu faço uma paráfrase em língua de sinais.” Apesar da polêmica de eficácia ou não eficácia do uso da estratégia da omissão, nós identificamos em nosso estudo vários momentos de uso exclusivo dessa estratégia.

Conclusão

A análise do *corpus* da pesquisa aponta para o uso, preferencial, de duas estratégias de interpretação das seis estratégias por nós classificadas. As duas estratégias que mais apareceram foram: *Paráfrase* e a *omissão*. As estratégias da *pergunta retórica* e do *uso de datilologia*, estratégias satélites, estiveram sempre acompanhadas de outras estratégias, na maioria das vezes, da estratégia da *paráfrase explicativa*. As estratégias da *simplificação*, da *explicitação*, da *equivalência* e da *tradução literal* tiveram um número menor de ocorrências. Os dados apresentados nesse estudo nos apontam a necessidade de mais pesquisas acerca da prática tradutória do profissional tradutor-intérprete de língua de sinais, estudos que possam auxiliá-lo na sua prática profissional.

Referências

- BASSNETT, Susan. *Estudos da tradução*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.
- BARBOSA, H. G. *Procedimentos técnicos da tradução*: uma nova proposta. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2004.
- CORPAS PASTOR, G. *Manual de fraseologia española*. Madrid: Gredos, 1996.
- FELIPE, T. A. Introdução à gramática da LIBRAS. In: *Educação Especial – Língua Brasileira de Sinais*, série deficiência auditiva, vol. 3, fascículo 7, Brasília: MEC/SEESP, 1997.
- GURILLO, L. R. *Aspectos de fraseología española*. Valencia: Universidad de Valencia, 1997.
- HORTÊNCIO, G. F. H. *Um Estudo Descritivo sobre o Papel dos Intérpretes de LIBRAS no âmbito organizacional das Testemunhas de Jeová*. 2005. 108f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza.
- JORGE, G. Da palavra às palavras: alguns elementos para a tradução das expressões idiomáticas. *Polifonia*, Lisboa: Edições Colibri, n. 5, p. 119-133, 2002.
- LEMOS, A. M. *As estratégias de interpretação de unidades fraseológicas do português para a Libras em discursos de políticos*. 2012. 175f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.
- NOVAIS, L. *O intérprete de tribunal, um mero intérprete?: um estudo descritivo sobre o papel do intérprete nos Fóruns de Boa Vista, RR e Fortaleza, CE*. 2002. 397p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza.
- QUADROS, R. M. de; PIZZIO, A. L. *Língua brasileira de sinais IV*. Curso de Letras Libras. CCE/UFSC - 2009.
- TAGNIN, S. E. O. *O jeito que a gente diz: expressões convencionais e idiomáticas*. São Paulo: Disal, 2005.
- XATARA, C.; RIVA, H. C.; RIOS, T. H. As dificuldades na tradução de idiomatismos. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis: UFSC, v. 2, n. 8, p. 183-194, 2001. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/viewFile/5892/5572>>. Acesso em: 7 abr. 2010.
- ZULUAGA, A. *Introducción al estudio de las expresiones fijas*, Bern, 1980.